

Brizola faz sua maior aposta

por José Casado
do Rio

Há três décadas, ele luta para ser candidato à Presidência da República. Nesta semana, Leonel Brizola, 67 anos, joga o maior sonho político de sua vida. E, assim como seu principal adversário — Luiz Inácio Lula da Silva, candidato do PT —, não tem a menor certeza sobre o resultado.

“A simples presença de Leonel Brizola em qualquer contexto do debate político, neste País, já é uma garantia de tratamento diferenciado para as questões mais caras ao posto”, costuma dizer, com alguma ironia.

Brizola acabou fazendo uma campanha eleitoral baseada, exatamente, nes-

sa perspectiva. Chegou a sintetizar em um slogan: “Quem conhece o Brizola, vota no Brizola”.

Acabou criticado por seus adversários, na esquerda, por excesso de personalismo.

Na quarta-feira, ele vai conhecer a real dimensão do respaldo popular ao seu discurso, cuja base foi, sempre, a de que é “o mais preparado”, conforme se acha.

Brizola acorda, nesta segunda-feira, com chances reais de passar ao segundo turno eleitoral.

Curiosamente, ele conquistou essa sólida posição fazendo uma campanha diferenciada, próxima do estilo que muitos classificam como caudillesco.

Procurou jogar com a emoção do eleitorado, o

tempo todo. Sofreu pelo menos um revés importante, que confessa — a surpresa com a penetração do candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, na faixa mais pobre do eleitorado.

“É inconcebível que o nosso povo vote, puerilmente, em alguém que, rigorosamente, se apresenta aí como uma impostura”, desabafa.

Para quem apostava na catalisação da rebeldia popular contra três décadas de regime militar e suas mazelas, a surpresa, nesta campanha, é enorme. “Trata-se de um filhote da ditadura”, repete, incorformado.

“Há sempre uma parcela do povo disposta a apoiar uma ditadura”, diz Brizola. “Me dói ver que admitir isso; é algo que aflige a mi-

nha alma, sinceramente”.

Talvez, ponderam alguns dos seus assessores, Brizola tenha cometido um erro estratégico, no início da campanha: buscou mais alianças à direita que à esquerda e deixou espaço livre para seu competidor mais forte (Lula) abordar, com um pouco mais de firmeza, tem^{as} polêmicos como a reforma agrária, a fome e a inflação.

Pode ser. Mas a realidade é que com sua campanha emocional, chamando a um “não rotundo que tu, eleitor, tens abafado no fundo do teu peito contra tudo isso que aconteceu nestes últimos 25 anos”, Brizola chega ao final da campanha no melhor do seu estilo. E com a chance que sempre desejou.